

Índice

Prefácio à Edição Romena	11
Prefácio da Edição Inglesa	15
<i>Primeira Parte: A Guerra pelo Espaço</i>	
Território Soberano... sem Estradas	23
O Fumo da Pátria	27
Gelo Sagrado	31
A Crimeia como Um Território do Subconsciente	36
Solo de Tambor	42
<i>Jihad</i> em Donetsk	46
Biryulyovo Global	54
Seduzidos pela Geopolítica	59
Profissão: Invasor	64
O Jogo do Galo	70
A Guerra com o Pokémon	76
A <i>Firewall</i> do Kremlin	82
Uma Soberania Cheia de Buracos	89
<i>Segunda Parte: A Guerra pelos Símbolos</i>	
A Reserva de Caça do Estado	97
A Avenida da Elite... para a Morte	103
Uma Ode aos Cães de Shuvalov	108
A Mania dos Mísseis	112
Invasão com Tanques	116
Fornecedores de Ameaças	122

Churchill Imaginou Tudo Isto	128
Um Vigiarista com Mísseis	131
A Procissão da Tocha	138
Esquizofrenia Olímpica	142
O Jogo dos Arruaceiros	147
O Soberano das Velas de São Petersburgo	152
O Putinismo e as Questões Linguísticas	156
A Guerra dos Avatares	161

Terceira Parte: A Guerra pelo Corpo

A Higiene Punitiva	169
O Corpo do Rei	174
O preservativo como Sinal de Protesto	180
Os Protocolos dos Sábios de Sodoma	184
Teste para a Homofobia	190
Concurso «Miss Prisão»	194
Quebrando «o Silêncio dos Inocentes»	197
A Política do Corpo Feminino	203
Um Quatro por Quatro como Auxiliar Pedagógico	208
Um Potlatch Russo	213
Um <i>Requiem</i> pelo Roquefort	217
A Terra das Crianças Abandonadas	222
A Amputação da Consciência	227
O Fiasco da «Operação Sochi»	232

Quarta Parte: A Guerra pela Memória

Revisionismo Histórico	243
O Feriado de 5 de Março	248
O Oblomov e o Stoltz do Poder Soviético	251
Um Urso de Homem	256
Maidan em Moscovo	259
Um Feriado sem Lágrimas	264
A Valsa dos Chekistas dos Urais	272
O Regresso dos Fantasmas	277
Tiranos Destruídos	285
O Ressentimento Russo	290
A Revolução das Flores	303

Quem Tem Medo de Svetlana Alexievich?	308
O Nuremberga Privado de Denis Karagodin	315
A Batalha no Rio Iset	321
O Dia da Constituição	329
Glossário e Lista de Abreviaturas	339

Primeira Parte: A Guerra pelo Espaço¹

¹ Neste contexto, «Espaço» deve ser entendido como tudo o que nos rodeia, e não o que está para além do planeta.

TERRITÓRIO SOBERANO... SEM ESTRADAS

Existe apenas uma coisa mais temível do que as estradas russas: os trabalhos rodoviários na Rússia. Recentemente tive o infortúnio de testemunhar uma dessas catástrofes locais, quando conduzia de Moscovo para Tartu, na Estónia, ao longo da autoestrada federal M9 «Baltiia». Devo dizer que esta estrada, que atravessa os *oblasts* de Tver e Pskov, nunca foi famosa pelas suas faixas de rodagem uniformes, motivo pelo qual os conhecedores optavam por viajar para a região báltica pela autoestrada de Minsk. Mas nesta ocasião deparei-me com algo extraordinário, mesmo para os padrões das estradas russas: a duzentos e cinquenta quilómetros da capital, o asfalto acabava. Não estamos a falar de algures a leste do lago Baikal nem de um qualquer lugar nos confins da Sibéria. Mesmo no centro da Rússia europeia, uma autoestrada federal tinha-se transformado numa estrada de terra batida, com buracos de proporções épicas, cobertos com uma camada de lama com um metro de espessura. Os camiões tentavam arrastar-se ao longo da via, desenhando padrões embriagados. Alguns batiam contra os outros, outros desapareciam nas valetas. Em sentido contrário, surgiam veículos salpicados de lama com matrículas de Moscovo, eu trocava sorrisos irónicos com os condutores. Ocasionalmente, cruzava-me com alguns veículos com matrícula estrangeira. Vi um *Toyota* que transportava um grupo de portugueses, que fotografavam entusiasticamente de todas as janelas. Aquilo seria algo para contarem aos netos.

Demorei quatro horas a percorrer cem quilómetros desta autoestrada sem asfalto, período durante o qual não vi um único trabalha-

dor das obras rodoviárias; nem um único veículo da Polícia, nenhum equipamento para reparar a estrada, nenhuma placa informando da duração dos trabalhos rodoviários ou a indicar qualquer desvio, havia apenas o há muito extinto asfalto. Na estação de serviço, disseram-me que os trabalhadores tinham arrancado a camada superficial no início do outono e que depois desapareceram sem dizer quando voltariam. Pelo quarto mês seguido, a estrada tem o mesmo aspeto com que ficou após o bombardeamento aéreo no final de 1941, quando se travaram as batalhas com os alemães em redor de Rjev e Velikiye Luky. Na mesma estação de serviço, falaram-me do camionista francês de longo curso que entrou e lhes perguntou: «Perdi-me nestas estradas, como posso voltar a encontrar a estrada principal?» É esta, disseram-lhe. Esta é a estrada principal entre a Europa e Moscovo.

Foi nesta estrada que acabei por perceber duas coisas importantes. Primeiro, entrámos numa nova fase: uma fase de impunidade absoluta. Ainda há cinco anos, teria sido difícil imaginar algo semelhante na Rússia. Sim, as pessoas roubavam o Estado, mas não deixava de haver a obrigação de, pelo menos, dar a impressão de se estar a fazer alguma coisa. Agora, vale tudo, e ninguém é responsabilizado. O que antes era simplesmente roubo passou a ser indiferença total. O que a prática dos últimos anos demonstrou é que, atualmente, na Rússia, ninguém responde por nada, nem por milhares de milhões roubados, nem por satélites que caem, nem pelo desencadear de guerras.

Mas isto é apenas metade do problema. O que é ainda mais assustador é outra coisa: estamos a perder o país. Há quase dez anos que conduzo por esta estrada para a Estónia, exatamente o mesmo período em que, dizem-nos os propagandistas, a Rússia tem estado a «reerguer-se firmemente». E o que eu vejo a cada ano que passa é que, a apenas cem quilómetros de Moscovo, esta paisagem está a desmoronar-se diante dos meus olhos. A autoestrada M9 está constantemente em obras, mas simplesmente vai ficando cada vez pior. A toda a volta existem aldeias cada vez mais mortas; de noite, pode-se percorrer dúzias de quilómetros sem se ver uma única luz acesa em nenhum lugar. As pessoas com as quais nos cruzamos estão cada vez mais pobres. Deambulam sem destino ao longo da berma da

estrada com os seus trenós ou, com uma expressão desesperançada, tentam fazer parar um automóvel com um aceno. (A propósito, também não vi quaisquer autocarros locais.) Com a exceção de algumas estações de abastecimento de combustíveis, os serviços ao longo da estrada são miseráveis. Existem alguns cafés de aspeto duvidoso — só a ideia de parar lá é assustadora —, e um ou outro estabelecimento que vende peças sobresselentes para camiões. Tal como no século XVI, os habitantes locais negociam na berma da estrada o que quer que tenham apanhado na floresta: cogumelos secos, bagas congeladas, vestuário grosso de pelo. E as próprias florestas estão a reclamar progressivamente o espaço que a civilização deixou para trás: os campos abandonados e as aldeias estão cobertos de arbustos e de mato, e as árvores estão a crescer e a aproximar-se cada vez mais da estrada. E se no passado podíamos ser alvo de uma cilada da Brigada de Trânsito ao longo da estrada, com os seus radares de velocidade, desta vez, não vi uma única. As autoridades, infraestruturas, as pessoas — tudo se está a dissolver e a cair no esquecimento...

Mas o problema é muito mais amplo do que apenas esta estrada. O que está aqui em causa é a própria estrutura do Estado russo: a forma como se relaciona com a área que governa e com a soberania territorial da Rússia. E durante todo o tempo em que o Ministério da Justiça e a Duma Federal lutam contra «agentes externos» e revoluções em países vizinhos e em que o vice-primeiro-ministro Dmitry Rogozin nos diz que a Rússia está a defender a sua soberania na batalha pela Síria — durante todo este tempo, já perdemos a nossa soberania na autoestrada M9. Existem duas vertentes de soberania: o poder formal e o controlo. Ainda é possível vislumbrar alguns símbolos de poder ao longo dessa estrada. Por exemplo, na cidade de Zubtsov, mesmo junto ao Hotel Boverli Hill, consegue-se ver o edifício da administração local, com a bandeira russa desfraldada. E na estrada para a cidade de Nelidovo existe uma cabina de betão adornada com o *slogan* «Avante, Rússia!». Mas o controlo efetivo sobre esta área já se perdeu. Aqui, não existe Estado, nenhuma infra-estrutura, nenhuma instituições; resumindo, nenhuma vida.

Mais uma década de semelhante decadência e ninguém viajará por esta estrada em direção às colinas de Pushkin ou a Karevo, cidade natal do compositor Modest Musorgsky, ou a Ostrov, com as

suas pistas de esqui únicas, ou à antiga Izborsk, ou às muralhas de pedra branca do Kremlin de Pskov. E outros dez anos depois, tudo o que restará da Rússia serão vinte cidades grandes, projetos de infraestruturas para exibir, como a olímpica Sochi, uma estrada em anel em redor de Moscovo e os estádios construídos para o Campeonato do Mundo de Futebol de 2018. Entre elas, existirá apenas o vazio, com florestas esparsas e estradas negligenciadas. A Rússia está a transformar-se num cobertor comido pelas traças — com ainda mais buracos e ainda menos tecido. Defendemos a nossa soberania nas batalhas sangrentas em volta de Rjev e de Vyazma no inverno de 1941, mas perdemo-la nas estradas que atravessam alguns desses lugares.